



HAL
open science

Como estudar as classes populares contemporâneas? Da análise estatística de um espaço social a uma pesquisa monográfica a agregados familiares

Thomas Amossé, Lise Bernard, Marie Cartier, Marie-Hélène Lechien, Olivier Masclet, Olivier Schwartz, Yasmine Siblot

► To cite this version:

Thomas Amossé, Lise Bernard, Marie Cartier, Marie-Hélène Lechien, Olivier Masclet, et al.. Como estudar as classes populares contemporâneas? Da análise estatística de um espaço social a uma pesquisa monográfica a agregados familiares. Virgilio Borges Pereira. Em (re)construção: elementos para uma sociologia da atividade na indústria da construção em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 583 p., 2019, 978-989-8969-51-4. hal-03014206

HAL Id: hal-03014206

<https://hal.science/hal-03014206v1>

Submitted on 4 Dec 2020

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Capítulo 3 - Como estudar as classes populares contemporâneas?

Da análise estatística de um espaço social a uma pesquisa monográfica a agregados familiares

Thomas Amossé, Lise Bernard, Marie Cartier, Marie-Hélène Lechien, Olivier Masclet,
Olivier Schwartz & Yasmine Siblot

Embora o uso da noção de “classes populares” seja comum na sociologia francesa das classes sociais, a sua imprecisão deve ser notada quando se tenta definir os seus contornos, clivagens ou diferenciações internas¹. A nossa pesquisa coletiva², centrada na França contemporânea, estabeleceu como objetivo enfrentar estas questões. Partindo da observação de que as desigualdades estão a aumentar e, ao mesmo tempo, que a questão do “povo” está a emergir politicamente, pretendemos analisar a recomposição social e as condições concretas de vida das classes populares. As nossas questões iniciais centraram-se em três aspetos tradicionalmente associados às classes populares, tomando por referência várias obras dos anos de 1970 (nomeadamente: Bourdieu, 1979; Hoggart, 1970) - o hedonismo, a divisão de papéis em função do género e o estar em conjunto (“*entre soi*”) - que queríamos voltar a rever. Finalmente, decidimos concentrar-nos numa fração, subestudada ainda que grande, das classes populares: o seu “meio”. Colocávamos a hipótese de que esta fração mediana era distinta tanto de um “fundo” composto por agregados familiares mais privados de recursos económicos, inscrições sociais protetoras e capital cultural, como de um “topo” que, pela sua estabilidade de emprego, pela sua participação em práticas socialmente seletivas, estava próximo das classes médias.

Definir no papel o que se chama classes populares, ou uma das suas frações, desta forma não é evidente. As categorias sociais não existem em si mesmas, a sua existência e as suas fronteiras são um desafio à luta (Bourdieu, 1984) - o movimento dos “*Gilets jaunes*” (“coletes amarelos”) no inverno e na primavera de 2018-2019 lembrou-nos novamente disso. As nossas

¹ Texto traduzido do original em francês por Virgílio Borges Pereira e revisto por Yasmine Siblot. A primeira versão deste trabalho, em língua francesa, foi publicada em *Sociologia – Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, número temático de 2019.

² Esta pesquisa intitulada “Le «populaire» aujourd’hui”, financiada pela Agence Nationale de la Recherche, é coordenada por Olivier Masclet. Levada a cabo pelos centros CERLIS (Université Paris Descartes, CNRS), CENS (Université de Nantes, CNRS), CMH (EHESS, ENS, CNRS) e GRESCO (Université de Limoges, Université de Poitiers), reúne 27 investigadores. Os autores deste texto coordenaram a pesquisa a partir de um “*comité de direção*”.

reflexões preliminares permitiram identificar, pelo menos sob a forma de hipótese, uma característica central esperada destas famílias: a estabilidade. Estabilidade profissional e residencial, mas também estabilidade familiar, garantia de relativa segurança económica, que revela, indiretamente, a precariedade das famílias monoparentais. Esta estabilidade foi também vista como suscetível de permitir uma forma de autonomia cultural, ou seja, uma capacidade de veicular normas, ou pelo menos de manter uma relação específica com as que são veiculadas por outras classes.

Visando a fração mediana e estabilizada das classes populares, a nossa pesquisa não incidu sobre um grupo particular, mais ou menos dotado de capital. Tomando por referência algumas pesquisas recentes realizadas em França, não se tratava de concentrar a nossa atenção nos “*petits-moyens*” (“*Little-Middles*”) que vivem nos subúrbios (Cartier et al., 2008, 2019), nos “agregados familiares modestos suburbanos” (Girard, 2017) ou na “pequena burguesia rural” (Bruneau et al., 2018). E também escolhemos deliberadamente não tomar como nossa entrada as famílias com dívidas em “áreas urbanas sensíveis” (Perrin-Heredia, 2013), “jovens rurais” (Coquard, 2016) ou o “outro mundo popular” dos empregados dos serviços ao domicílio (Avril, 2014). Mas focar essas “classes populares do meio” significava que nem os grupos populares em pequena ascensão social, mais próximos das classes médias, nem as famílias mais pobres ou mais precárias deveriam ser excluídas da análise. Ao contrário de muitos estudos, favorecemos sempre a hipótese de uma continuidade no interior das classes populares, vendo-as como um conjunto de grupos com características comuns para além das desigualdades e diferenças, e não marcadas por uma forte descontinuidade entre, por exemplo, estáveis e precários, ou “*Traditional Working Class*” (classe trabalhadora tradicional) e “*Precariat*” (*precariado*), para retomar a distinção destacada na importante pesquisa coordenada por Mike Savage na Grã-Bretanha (*Great British Class Survey*, realizada com a BBC; ver Savage, 2015).

É precisamente para se poder ter em conta as ligações entre as famílias estáveis das classes populares e as frações próximas, mais dotadas ou mais precárias, dos meios populares, bem como outras classes sociais, que se fez rapidamente a escolha de produzir coletivamente um material de tipo etnográfico: um dispositivo de análise em termos de monografias de famílias localizadas e contextualizadas foi assim concebido para mostrar os estilos de vida e as condições de diferentes famílias e as suas relações com outros grupos sociais.

Ao mesmo tempo, pareceu-nos essencial testar a relevância da hipótese de uma estruturação das classes populares em torno do seu “meio”, tentando objetivar as características

desta fração mediana ou estável com base em dados estatísticos relativos a operários e empregados e tornando possível ir além de uma abordagem individual para descrever a situação das famílias. Embora não haja escassez de pesquisas sobre classes sociais e desigualdades baseadas em dados quantitativos, há poucas publicações recentes que descrevam a morfologia das classes populares. De facto, o trabalho estatístico aqui realizado visa responder a uma tripla necessidade: compensar a ausência de trabalho sociográfico recente sobre as classes populares apreendidas com base nas categorias socioprofissionais das estatísticas oficiais; explorar a relevância da hipótese de um espaço organizado das classes populares e analisar a sua estruturação interna, perguntando-nos o que caracteriza a sua zona central; localizar as famílias que inquirimos através de monografias aprofundadas neste espaço das classes populares.

Para estudar as recomposições das condições e estilos de vida das classes populares, privilegiou-se uma abordagem baseada em agregados familiares - definidos pelo INSEE como todas as pessoas que vivem na mesma habitação, casadas ou não - em detrimento dos indivíduos, tanto para as análises estatísticas como para a pesquisa monográfica. Esta abordagem é tanto mais importante hoje em dia quanto as mulheres dos meios populares têm mais probabilidades do que nos anos de 1960 e 1970 de ter um emprego remunerado e, sobretudo, de trabalhar em profissões que são diferentes das dos seus cônjuges, devido à forte divisão de género das profissões subalternas. Partir dos agregados familiares, convida-nos a examinar o “emaranhamento de género e classe” (Hamel & Siméant, 2006), uma vez que o emprego das mulheres tende a multiplicar as suas interações com outros grupos sociais, através dos ofícios nos serviços que elas ocupam de modo numeroso (no comércio, na saúde, na primeira infância, etc.). Uma tal experiência pode transformar a forma como as famílias das classes populares dividem o trabalho doméstico, concordam ou se opõem sobre normas educativas e se situam no espaço social, particularmente em relação à clivagem evidenciada por Richard Hoggart entre “eles / nós”.

Após esta recordação dos desafios da investigação, propomos neste estudo uma síntese dos resultados do trabalho estatístico realizado, ou seja, uma sociografia das classes populares contemporâneas em França e, em seguida, uma apresentação do dispositivo de pesquisa por monografias de agregados familiares cujo objetivo é esclarecer os estilos de vida das frações medianas das classes populares.

Analisando estatisticamente o espaço das classes populares: que “meio”?

Nunca é simples “colocar um grupo social em estatísticas”³. A noção de “classes populares”, tal como a utilizamos na esteira de Olivier Schwartz e de vários estudos recentes⁴, está apenas parcialmente em linha com a lógica da nomenclatura socioprofissional do INSEE, principal instrumento de identificação das posições socioeconómicas proposto pelas estatísticas oficiais em França: este é profissional antes de ser social ou cultural (Desrosières & Thévenot, 2002). No entanto, decidimos concentrar-nos em dois grandes grupos socioprofissionais, o de “operário” e o de “empregado”, e levar em conta todas as categorias agrupadas dentro deles (Figura 3.1).

5	Empregados
52	Empregados civis e funcionários públicos
53	Polícias e militares
54	Funcionários administrativos de empresa
55	Empregados comerciais
56	Serviços pessoais diretos a particulares
6	Operários
62	Operários qualificados da indústria
63	Operários qualificados de tipo artesanal
64	Motoristas
65	Operários qualificados da manutenção, armazenagem e transporte
67	Operários industriais não qualificados
68	Trabalhadores artesanais não qualificados
69	Operários agrícolas

Figura 3.1. Categorias Socioprofissionais (“PCS” – “Professions et catégories

³ Este texto é baseado em elementos provenientes do trabalho de Amossé (2015).

⁴ Ver em particular Alonzo & Huguée (2010); Bérourd et al. (2016); Delay et al. (2009); Schwartz (1998 e 2011); Mauger (2006) e Siblot et al. (2015).

socioprofessionnelles”) de empregados e operários (desde 1982)

Esta escolha tem várias limitações, e gostaríamos de mencionar duas delas. Em primeiro lugar, exclui os trabalhadores independentes. No entanto, algumas das pessoas categorizadas como “artesãos, comerciantes e empresários” ou “exploradores agrícolas” podem ser consideradas como pertencentes às classes populares (Bessière & Gollac, 2014), assim como alguns dos trabalhadores que trabalham sob o estatuto legal de “autoempreendedores” (Abdelnour & Lambert, 2014). No entanto, essas categorias são muito heterogêneas e as frações que se enquadram nas categorias populares no seu interior não são facilmente identificáveis. Optámos, assim, por as deixar de fora. Em contrapartida, certos empregados e empregados qualificados, em particular alguns dos que pertencem à categoria “empregados administrativos de empresa”, cujos diplomas e níveis de rendimento os colocam perto de profissões intermédias, ou entre os “funcionários públicos civis”, cujo estatuto é protetor, poderiam ser excluídos. Esta foi a escolha feita numa investigação sobre classes sociais na Europa (Hugrée, Penissat & Spire, 2017), porque, nesta escala, as diferenças são ainda mais acentuadas entre estes empregados e os operários ou empregados não qualificados. No caso francês, uma vez que tal descontinuidade não se destaca nitidamente, colocou-se a hipótese de estes empregados qualificados constituírem os polos mais dotados no espaço das classes populares.

Uma outra precisão é importante: centrámo-nos sobre o conjunto dos “ativos” (com emprego ou desempregados), mas deixámos de fora os “inativos” e, em particular, os reformados (exceto para algumas análises relativas a casais).

Quais são, então, as características das classes populares assim definidas na França de hoje? Como é que as suas situações mudaram nos últimos trinta anos? Podemos considerar o conjunto dos grupos populares como formando um espaço social? Uma leitura ternária que destaque um “meio” ou uma fração mediana é suportada por uma objetivação estatística? As análises, baseadas principalmente nos *Inquéritos ao Emprego* do INSEE de 1982 até 2012, fornecem algumas respostas.

A diversidade dos operários e dos empregados hoje em dia

Entre o declínio e a recomposição dos mundos profissionais

Composta pelo conjunto dos operários e empregados, as classes populares em França tinham mais de 14 milhões de ativos em 2012, ou seja, 52% destes (Figura 3.2). Esta percentagem diminuiu gradualmente nos últimos trinta anos, visto que era de 59% em 1982, enquanto a percentagem de quadros e profissões intermédias aumentou fortemente (de 26% para 41%), com o declínio dos trabalhadores independentes e dos agricultores a parecer ter estabilizado (em torno de 8%).

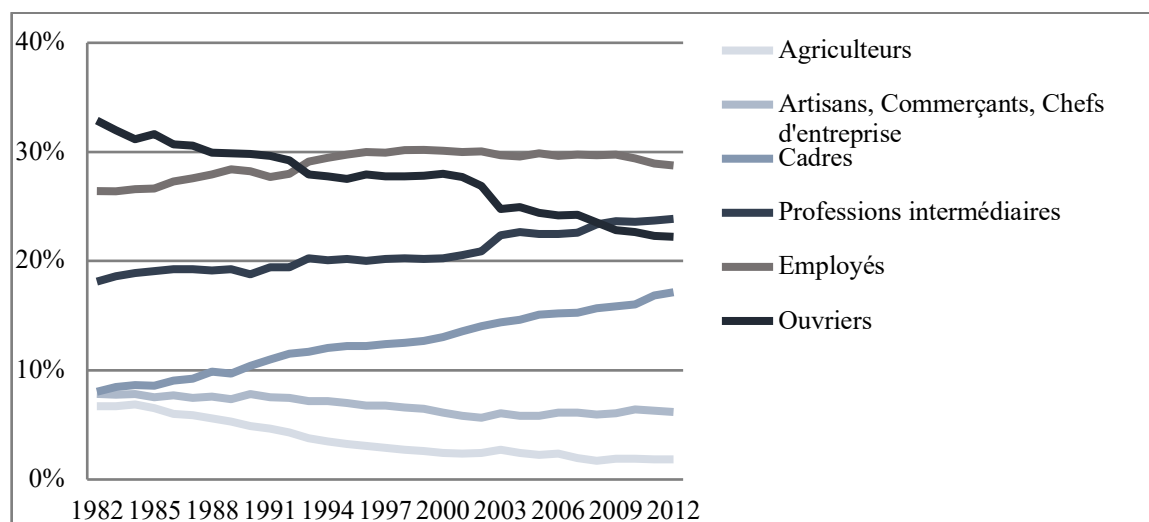


Figura 3.2. Evolução do número de efetivos dos diferentes grupos socioprofissionais [em percentagem da população ativa (1982-2012)]

Fonte: INSEE. *Inquéritos ao Emprego*, 1982-2012; Nota: Domínio - ativos (empregado ou desempregado).
Autoria: Paul Hobeika.

Dentro em breve, o conjunto de operários e de empregados terá deixado de representar mais de metade do mundo do trabalho, apesar do forte dinamismo do grupo dos empregados e das muitas criações de emprego ocupado por mulheres em atividades terciárias, que mais do que compensaram o declínio do emprego dos operários. Esta evolução confirma o declínio relativo, mas simbolicamente importante, do peso das classes populares na sociedade francesa. A evolução em causa é acompanhada por uma profunda reestruturação do seu mundo profissional e social.

Primeiro, o lugar do universo operário e industrial não cessou de declinar. Sem dúvida sobrestimado no passado, era, no entanto, de importância primordial: os trabalhadores da indústria representavam assim metade do grupo dos trabalhadores em 1982. Em 2012, representam menos de quatro em cada dez trabalhadores. Embora o trabalho na linha de montagem não tenha desaparecido, a imagem do operário especializado colocado na fábrica e integrado em coletivos estruturados está longe de ser a norma atualmente e a percentagem de

trabalhadores não qualificados diminuiu na indústria (mais de 800 000 empregos deste tipo desapareceram em trinta anos). No mundo industrial, os operários são cada vez mais qualificados, supervisionando equipas ou dirigindo instalações pesadas. Acima de tudo, os operários trabalham agora mais frequentemente no seio de pequenas equipas artesanais ou em médias empresas, na Construção ou na Alimentação, ou mesmo sós, na maior parte do tempo, como motoristas de camiões, de táxis ou condutores de autocarros. Duas categorias de operários apresentam, por fim, uma estabilidade numérica bastante elevada durante o período considerado: os operários de manutenção e dos transportes (8% do total em 2012) e os trabalhadores agrícolas (5% em 2012).

Em segundo lugar, dentro do grupo dos empregados, várias modificações redesenharam os principais reservatórios de emprego. O desenvolvimento de atividades de distribuição em detrimento das atividades de produção não afetou apenas o mundo operário. Contribuiu mais amplamente para a reestruturação dos postos de trabalho nas classes populares, apoiando o forte crescimento do número de empregados do sector comercial (500 000 postos de trabalho criados em trinta anos). Ao mesmo tempo, observou-se um processo de racionalização administrativa, especialmente nas empresas privadas: algumas das tarefas anteriormente delegadas em secretários e funcionários administrativos estão agora a ser executadas diretamente por funcionários de nível superior, graças à informatização. Embora continue a ser muito importante, o número de empregados administrativos das empresas foi reduzido em mais de meio milhão durante o período. Uma tendência semelhante foi observada na Função Pública, que foi mais do que compensada pelo dinamismo do emprego nos serviços. As atividades relacionadas com a Saúde e a Ação Social, em articulação com as Autarquias Locais, que gradualmente adquiriram a sua própria administração, contribuíram assim para o aumento do número de funcionários públicos (+630 000 entre 1982 e 2012). No entanto, é nos Serviços diretos aos indivíduos e com o desenvolvimento de atividades relacionadas com a Assistência Social em sentido lato (em especial o acolhimento de crianças ou o trabalho com idosos) que o aumento tem sido mais importante, com mais de um milhão de empregos adicionais em trinta anos (correspondendo em parte ao trabalho realizado informalmente no passado). O início da década de 2000 marcou assim um ponto de viragem na morfologia social dos trabalhadores: a percentagem de empregados pouco qualificados e pouco diplomados aumentou, enquanto a dos empregados mais diplomados e a dos mais próximos das profissões intermédias diminuiu.

Uma posição ainda dominada no trabalho

É importante sublinhar a permanência de uma posição dominada no trabalho, tanto para os operários como para os empregados, no mercado de trabalho e nas hierarquias profissionais. Em 2012, 12% dos membros das classes populares estavam desempregados, 15% eram sazonais, com contratos subsidiados, a termo ou temporários, 39% com contratos estáveis (contratos sem termo ou funcionários públicos) mas com um rendimento mensal inferior a 1,4 Smic [salário mínimo] (ou 1.560 euros líquidos). Além disso, as condições de emprego deterioraram-se com um aumento especificamente acentuado dos níveis de desemprego e precariedade das classes populares, em formas que afetam os operários e os empregados de modo diferente: os operários são ligeiramente mais afetados por situações de emprego de curta duração (19% em 2012) do que os empregados (16%), mas os empregados são de longe os mais afetados pelo emprego a tempo parcial (32% em 2012, contra apenas 11% dos trabalhadores).

Esta evolução acentuou as divisões internas das classes populares, com os operários não qualificados a serem caracterizados por uma exposição muito clara ao desemprego e à precariedade do emprego (em 2012, quase um em cada dois está desempregado ou com contratos de curta duração), e os empregados não qualificados por níveis salariais mensais muito frequentemente baixos (devido, em particular, à elevada proporção de trabalhadores a tempo parcial). Como mostram Claire-Lise Dubost e Lucas Tranchant (2019), a oposição entre os assalariados expostos ao risco de uma saída prolongada do emprego e aqueles que mantêm os seus empregos reforça esta divisão. A "imobilidade" profissional (no sentido de se manter na mesma posição) revela um polo estabilizado das classes populares, dois terços do qual é constituído por operários e empregados qualificados, que se distingue fortemente de um polo de instabilidade precária onde os empregados e operários pouco qualificados estão sobrerrepresentados. Mas a linha divisória entre qualificado e não qualificado não é a única que atravessa as classes populares, como veremos.

A permanência de linhas de clivagem e de diferenciação interna

Os grupos de empregados e operários continuam a ser, de longe, os mais segregados por género na nomenclatura socioprofissional, enquanto os outros dois grupos de assalariados - profissões intermédias e quadros -, no mesmo período, se feminizaram significativamente. De

1982 a 2012, contam-se, assim, aproximadamente 80% de mulheres entre os empregados e 80% de homens entre os operários. Para além desta taxa média, é a diversidade do grau de feminização dos mundos profissionais que impressiona. O alcance é muito amplo, variando entre cerca de uma mulher em cada dez entre motoristas, artesãos qualificados, polícias e militares até à proporção oposta entre os trabalhadores de serviços pessoais. Este elevado grau de segregação entre homens e mulheres nos universos do trabalho e nas profissões tem implicações diretas na composição dos casais e dos agregados familiares, como se indica a seguir.

A presença de estrangeiros ainda é maior nesses grupos de empregados e de operários do que nas demais classes: é de 8% em 2012, duas vezes maior do que para quadros e profissões intermediárias. Esta presença é quase a mesma de há trinta anos atrás, mas representa uma estabilidade ligeiramente enganadora, uma vez que resulta de uma convergência entre operários e empregados: a percentagem de estrangeiros diminui ligeiramente em todas as categorias de operários, enquanto aumenta significativamente em algumas ocupações dos empregados, tais como seguranças e empregados comerciais, e permanece num nível elevado para os empregados dos serviços pessoais. Os assalariados estrangeiros continuam fortemente concentrados nos trabalhadores artesanais não qualificados (22%) ou qualificados (13%), os empregados dos serviços pessoais (13%), os operários agrícolas (10%) e os operários industriais não qualificados (9%) situando-se abaixo. Por outro lado, apenas 3% dos empregados do sector público são estrangeiros e entre 5 e 7% para as outras categorias de operários e empregados.

O nível de escolaridade constitui, sem surpresa, um traço que distingue fortemente as classes populares das outras classes sociais (Figura 3.3): em 2012, 25% dos operários e dos empregados possuem no máximo um *certificat d'études* (5º ano completo), 10% o *brevet des collèges* (9º ano completo) e 34% um *certificat d'aptitude professionnelle* ou um *brevet d'études professionnelles* (CAP e BEP: diplomas profissionais, 7º ou 9º ano); no total, as classes populares têm apenas 32% de detentores do *baccalauréat* [ensino secundário completo, 12º ano], contra 75% entre as profissões intermediárias e 91% entre os quadros. No entanto, também elas registaram um aumento dos níveis de formação. A proporção de operários e empregados com, no máximo, um *certificat d'études* diminuiu acentuadamente em trinta anos: de 66% para 33% e de 45% para 19%, respetivamente. Em contrapartida, a percentagem de diplomados com o ensino secundário aumentou acentuadamente, de 11% para 24% para os empregados e de 2% para 15% para os operários, como é o caso dos diplomados do ensino

superior (de 3% para 17% para os empregados; de menos de 1% para 5% para os operários). A posse de um CAP, BEP ou diplomas equivalentes é agora a situação mais comum, o que acontece a 39% dos operários e 30% dos empregados.

Verifica-se uma disparidade interna nos níveis de formação, com os empregados ainda, em média, significativamente acima dos operários em termos de diploma. Dentro do grupo de empregados, as diferenças entre categorias foram mantidas ou mesmo acentuadas, com o pessoal administrativo das empresas que é mais (e cada vez mais) qualificado e o pessoal dos serviços a particulares que permanece muito menos qualificado. Os empregados de comércio registaram um aumento particularmente elevado da percentagem de diplomados do ensino superior (de 2% para 19%), refletindo em parte um fenómeno de despromoção. Entre os operários, existe uma distinção muito clara entre trabalhadores qualificados e não qualificados.

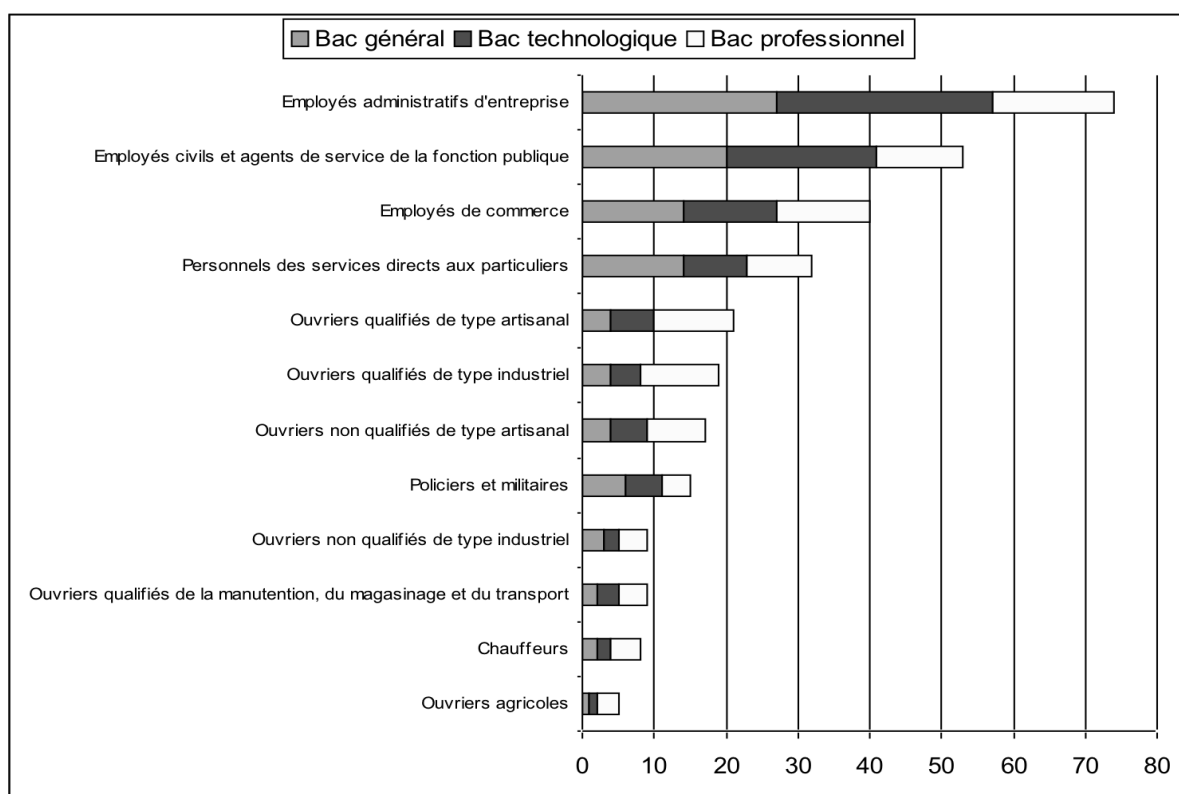


Figura 3.3. Uma grande dispersão das taxas de finalização do ensino secundário (baccalauréat geral, tecnológico e profissional) [em percentagem de cada categoria de trabalhadores e colaboradores em 2012]

Fonte: INSEE. Inquérito ao Emprego, 2012.

Notas: Domínio - ativo (empregado ou desempregado) nos grupos socioprofissionais de empregados e trabalhadores. Esta figura mostra o diploma mais elevado obtido no ensino secundário geral e no ensino técnico ou profissional. Por conseguinte, não é o grau mais elevado obtido, que pode ser um grau de ensino superior.

Autoria: Tristan Poullaouec.

Em trinta anos, o aumento global muito acentuado dos níveis de educação reduziu apenas ligeiramente as disparidades entre as diferentes categorias de operários e empregados, apesar de a massificação escolar ter alterado profundamente a relação entre as classes populares e a escola. Estas diferenças significativas referem-se a diferenças de género (os empregados são maioritariamente mulheres) e entre gerações. Mas também se referem ao peso das socializações familiares, o que nos convida a ir além da escala individual.

Origens sociais e formação de casais: Dos indivíduos aos meios sociais

As classes trabalhadoras distinguem-se muito claramente dos outros grupos sociais pelas suas origens sociais (Figura 3.4): 46% dos operários e empregados são compostos por filhos de operários, uma proporção três vezes superior à dos quadros. A força da ancoragem operária é menos pronunciada para os empregados (41%) do que para os operários (52%), e as diferenças entre categorias devem ser destacadas, tendo os empregados administrativos de empresa e os empregados comerciais origens mais elevadas. No entanto, estas origens operárias constituem uma importante linha divisória entre as classes populares, as classes médias e as superiores. Além disso, esta especificidade não se desmente: a proporção das origens operárias permaneceu praticamente igual à de há trinta anos atrás, com o ligeiro aumento da proporção de filhos de quadros ou de detentores de profissões intermediárias no seio das classes populares (16% em 2012 contra 10% em 1982) sendo compensado pelo declínio das origens agrícolas (de 14% para 7%).

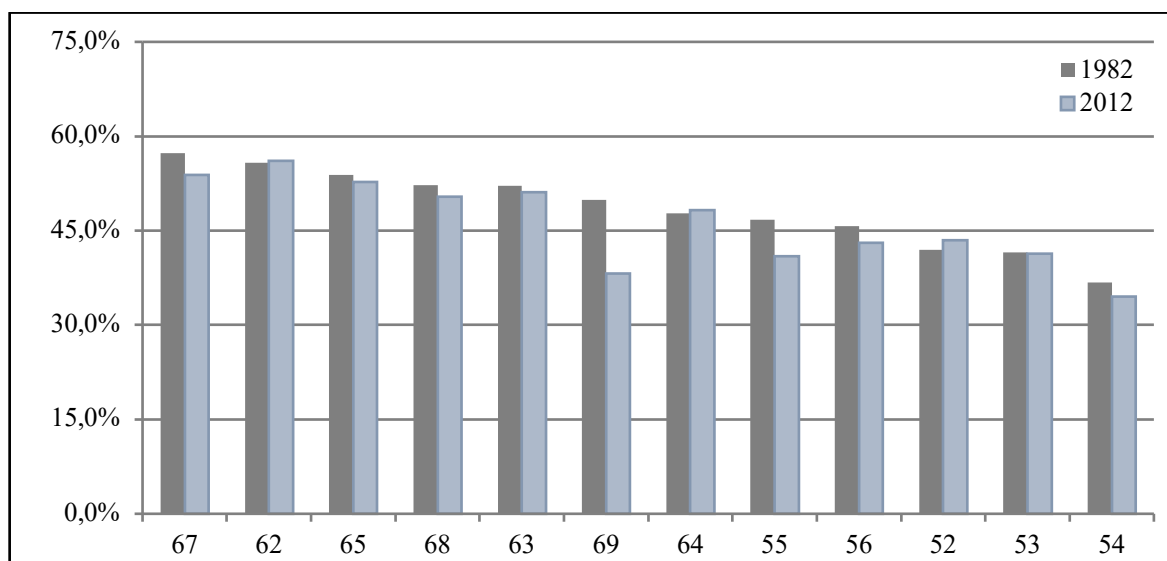


Figura 3.4. Origens operárias que permanecem fortes [em percentagem de cada categoria de operários e de empregados em 2012 e 1982]

Fonte: INSEE. *Inquérito ao Emprego*, 1982-2012.

Notas: Domínio - ativo (empregado ou desempregado) nos grupos socioprofissionais de empregados e operários. Proporção de pessoas cujo pai era operário quando pararam os estudos iniciais (ou aos 16 anos).

Autoria: Thomas Amossé.

Esta predominância das origens operárias convida, para além das diferenças existentes entre empregados e operários, a não ocultar o peso ainda atual do grupo de operários na dinâmica de recomposição social que caracteriza as classes populares e que também estrutura a constituição de casais e agregados familiares.

Em 2012, as classes populares são caracterizadas por uma elevada proporção de pessoas que vivem sozinhas (37%, contra 29% das profissões intermédias e 25% dos quadros). Durante o período estudado, a distância à vida conjugal aumentou em França para uma grande parte da população ativa⁵. Mas esta distância à vida conjugal varia de acordo com o género e o meio social. As pessoas que vivem sós (solteiras, separadas ou viúvas sem filhos) estão assim sobrerrepresentadas entre os homens empregados e operários com mais de 30 anos (22% e 18%, contra 16% e 14% nas profissões intermédias e nos quadros). As mulheres oriundas da classe operária são mais afetadas pela monoparentalidade do que as mulheres de outros meios sociais: em 2012, esta configuração familiar afeta 14% das operárias, 13% das empregadas e 23% das desempregadas que nunca trabalharam (contra 8% dos quadros e 9% das profissões intermédias).

A composição dos casais também mudou ao longo do período. Em 1982, o modelo de especialização conjugal (um homem que trabalha e uma dona de casa) era dominante entre os

⁵ Esta passagem é baseada em elementos de Bernard & Giraud (2018).

ativos operários: 43% viviam num casal com uma mulher inativa, 32% com uma empregada e 18% com uma operária. Desde então, essa especialização diminuiu drasticamente entre os operários, onde a proporção de casais composta por um homem ativo e uma dona de casa caiu para 23% em 2012 (15% para quadros, 13% para profissões intermediárias, 18% para empregados).

Entre 1982 e 2012, a homogamia (no sentido estrito de uma aliança conjugal dentro do mesmo grupo socioprofissional) declinou em todas as categorias socioprofissionais, sinal de uma maior mistura social na composição dos casais. Mas as alianças homogêneas permanecem frequentes e, entre casais compostos por mulheres e homens pertencentes a empregados e operários, a heterogeneidade é explicada principalmente pela segregação de gênero desses dois grupos. Revela também a sua proximidade desigual com outros grupos sociais. Assim, com o aumento da atividade feminina e a diminuição do modelo de dona de casa, a proporção de homens operários (em casal) que vivem com uma mulher empregada aumentou acentuadamente entre 1982 e 2012 (de 32 para 46%), assim como a proporção de homens operários em casais com uma mulher exercendo uma profissão intermédia (de 5 para 13%). Inversamente, a proporção de operárias que vivem num casal com um operário diminuiu, mas continua a ser majoritária (de 68% para 54%). Quando são empregados, os homens são sempre mais propensos a ter uma relação com uma mulher empregada (43-47%) e uma mulher numa profissão intermédia (11-20%). As alianças das mulheres empregadas também se alteraram, embora de forma menos acentuada: a percentagem das que têm cônjuge operário ou empregado diminuiu (de 44 para 37% e de 16 para 13%, respetivamente), ao contrário das mulheres empregadas que vivem com um cônjuge profissional intermédio (estável em 22%) ou quadro (de 3 para 10%). Em ambos os extremos das classes populares, os operários não qualificados (menos de 10% são casais com quadros, profissões intermédias, artesãos, comerciantes ou dirigentes de empresas) e as categorias de empregados administrativos de empresas (34% neste caso) opõem-se.

O espaço das famílias populares contemporâneas

Que linhas de segmentação interna emergem mais precisamente nas classes populares? O trabalho estatístico para compreender melhor a diversidade das classes populares foi realizado através de análises fatoriais e classificações hierárquicas ascendentes. Este trabalho

prolonga pesquisas recentes que aprofundaram a análise estatística da estrutura social, desenvolvendo cartografias do espaço social contemporâneo (Amossé, 2011; Bernard, 2017; Caveng et al., 2018; Robette & Roueff, 2017) e começando a explorar a heterogeneidade das classes populares (Cayouette-Remblière, 2015; Peugny, 2015).

Como dissemos, uma das singularidades da nossa abordagem é prestar especial atenção às famílias. Mas a definição da posição social de um agregado familiar pela categoria socioprofissional da sua “pessoa de referência” (que é o homem quando o agregado inclui um casal heterossexual, de acordo com a definição utilizada no *Inquérito ao Emprego* do INSEE) tem limitações que são ainda mais importantes porque as mulheres já entraram em grande medida no mercado de trabalho. Por conseguinte, foram envidados esforços para realizar análises estatísticas que tivessem em conta a situação profissional de ambos os cônjuges.

A fim de esclarecer a diversidade das famílias populares, várias tipologias foram desenvolvidas⁶. Uma primeira tipologia (Bernard & Giraud, 2018) centra-se nas uniões formadas por mulheres inativas com menos de 60 anos de idade a viver em casal com um empregado ou um operário, e nas uniões formadas por mulheres ativas empregadas ou operárias. A tipologia analisa a heterogeneidade interna das mulheres dos meios populares em relação às suas alianças matrimoniais. Uma segunda tipologia (Amossé, 2019a) diz respeito a casais compostos por pelo menos um/a operário/a ou empregado/a e evidencia a diversidade dos meios populares a partir da posição profissional de seis membros da família próxima (os dois membros do casal, os pais e os sogros). Finalmente, uma terceira análise (Amossé, 2019b) foi realizada, por um lado, sobre todos os agregados familiares⁷ e, por outro, sobre casais em que ambos os membros são operários/as, empregados/as, ou inativos/as, não reformados/as, resumindo a diversidade das suas posições sociais e mostrando como se articula a posse de diferentes recursos (rendimento, diploma, origem social, tipo de proteção relacionada com o emprego, trajetória geográfica, localização territorial e status residencial).

As tipologias desenvolvidas fornecem ensinamentos complementares. Destacam polos que formam, na sua maioria, um *continuum* hierárquico, desde os mais precários até aos mais afluentes e próximos das classes médias. Assim, elas revelam primeiro a existência de um “topo” e de uma “parte inferior” dentro das populações estudadas. As categorias do “topo” caracterizam-se pela proximidade económica, cultural, social e conjugal com as classes médias:

⁶ Para mais detalhes sobre as metodologias utilizadas, ver Amossé (2019a; 2019b); Bernard & Giraud (2018).

⁷ Limitando-se aos chamados agregados “não complexos”, ou seja, agregados que incluem um ou dois adultos, o que exclui, por exemplo, os agregados intergeracionais e os agregados partilhados.

são compostas em particular pelas mulheres e homens mais qualificados, que têm os salários mais substanciais, cuja origem social é a mais elevada, etc. Encontramos aqui principalmente casais com um/a empregado/a administrativo/a de empresa ou um/a polícia e militar. Os agregados familiares da “parte inferior” caracterizam-se por um nível fraco de recursos económicos, educacionais, sociais, profissionais, geográficos e familiares. A sua situação profissional é particularmente marcada pela precariedade, desemprego ou inatividade. Os operários não qualificados e os empregados de limpeza, cargos mais frequentemente ocupados por trabalhadores migrantes, estão sobrerrepresentados. Entre este “topo” e esta “parte inferior”, as tipologias também destacam a existência de uma feição mediana. Há famílias cujos cônjuges têm um nível intermédio de recursos (em termos de rendimento, qualificações, etc.) e casais em que existe uma certa assimetria entre os dois parceiros, sendo um mais bem integrado no mercado de trabalho do que o outro. Este resultado está ligado a outro: “estabelecer-se como um casal” (“*faire couple*”) é um recurso decisivo para os operários e empregados em matéria de posição social. As famílias com apenas um/a empregado/a ou operário/a, particularmente como solteiro/a ou família monoparental, encontram-se numa posição muito mais fraca do que os casais de operários e empregados em termos de recursos (especialmente os seus recursos económicos). Este ponto é tanto mais digno de nota quanto não é o caso das famílias compostas exclusivamente por um/a quadro, um/a detentor/a de uma profissão intermédia ou trabalhador/a por conta própria.

Último resultado importante: as tipologias não são apenas adequadas para uma leitura estratificada, mas também sublinham que as classes populares “do meio” são plurais. Mais precisamente, sublinham a existência de dois tipos principais de frações medianas, que diferem, em especial, pelos seus universos profissionais e localização geográfica: o primeiro é marcado pelo universo da grande empresa (encontramos aí, nomeadamente, os operários industriais qualificados) e está particularmente presente nas zonas rurais, escassamente povoadas ou periféricas; o segundo inclui as famílias que residem mais frequentemente em grandes centros urbanos e que trabalham mais frequentemente em pequenas empresas (em especial serviços diretos a particulares). Estas análises sugerem, portanto, a existência, no universo das famílias populares, de um topo, de uma parte inferior e também de frações medianas, estas últimas diferindo em termos de universos profissionais e situações geográficas.

A pesquisa monográfica sobre agregados familiares: captar, numa lógica etnográfica, as recomposições de estilos de vida

Em paralelo com as análises estatísticas, foram produzidas monografias dos agregados familiares de 2014 a 2017. Estas monografias foram concebidas para recolher dados sobre múltiplas dimensões dos estilos de vida: económica, residencial, familiar, política e profissional. O dispositivo coletivo de produção destas monografias, que visava mobilizar os sociólogos envolvidos na pesquisa “O «popular» hoje” em torno da produção de um material de pesquisa original e comum, é inspirado pela abordagem etnográfica. Com base em pelo menos três entrevistas em profundidade, na maioria das vezes distribuídas ao longo do tempo, numa observação do quadro material da existência e numa contextualização dos agregados familiares baseada nas características do seu espaço residencial, estas monografias foram realizadas maioritariamente com casais heterossexuais – sendo os cônjuges geralmente entrevistados separadamente e depois em conjunto – e, por vezes, com os seus filhos. Elaborado coletivamente, o guião de entrevista⁸ explorou as trajetórias sociais dos entrevistados e as suas práticas quotidianas: lazer (dos pais e filhos), distribuição do trabalho doméstico e familiar, relações com a escola, trabalho, férias, gestão do orçamento, práticas alimentares e relacionamento com o corpo, saúde e usos das instituições de saúde e modos de inscrição no espaço social local (sociabilidade, compromissos voluntários, práticas eleitorais, etc.).

Concebidas como um instrumento sintético capaz de superar, por um lado, uma compreensão individual da condição social e, por outro, uma fragmentação do "popular" numa multiplicidade de objetos especializados ou terrenos etnográficos circunscritos, estas monografias permitem analisar as famílias como grupos domésticos onde estão em jogo relações de poder, mas também de solidariedade e de socialização entre mulheres e homens e entre gerações, bem como locais de refração das transformações que afetam a condição das classes populares, nomeadamente o crescente isolamento cultural e o reforço da dominação económica.

Os contornos do *corpus* de agregados familiares inquiridos foram definidos de forma dinâmica. Assim, durante a primeira série de monografias, os casais compostos por empregados/as ou operários/as com pelo menos um filho em idade escolar foram inicialmente

⁸ Este guia de entrevista está disponível *online*, bem como a folha de resumo que foi utilizada para partilhar os dados: <https://journals.openedition.org/sociologie/4839>.

visados, uma situação familiar que tende a expor a toda uma série de instituições e às normas que estas disseminam (de saúde, de escolaridade, de forma mais ampla, de educação e moral). No que se refere ao retrato das classes populares fornecido pelo tratamento estatístico do *Inquérito ao Emprego*, este primeiro *corpus* caracterizou-se por uma sobrerrepresentação dos operários e empregados do sector público que viviam em aglomerações de grande ou média dimensão. Assim, foi feita uma “correção” para as monografias seguintes, a fim de privilegiar os inquiridos que viviam em zonas periurbanas e rurais, que trabalhavam no sector privado (agentes de segurança, empregados comerciais, motoristas de camiões) ou desempregados, bem como os homens que viviam sozinhos.

Os registos efetuados não são o único material recolhido. Foram também utilizadas observações no seio do agregado familiar (por exemplo, sobre a decoração de interiores ou refeições para as quais foram convidados sociólogos) e em locais públicos, como festas escolares ou clubes desportivos, mas também fotografias (do bairro e da habitação, por vezes do trabalho e dos momentos de lazer), documentos privados (como cartas trocadas com um professor do ensino primário lamentando o comportamento do filho de um inquirido), trocas de correio eletrónico ou elementos de sítios na internet (*Facebook* ou “*Copains d'avant*”, associações desportivas, fóruns de consumidores ou doentes, etc.).

A natureza “total” do questionamento e a dimensão privada de certos temas levaram à escolha de entrevistados/as previamente identificados/as pelas suas “disposições para falar”, que pressupõem disposições reflexivas e recursos de linguagem, bem como um hábito de interações com membros de outras classes sociais e/ou relações de confiança construídas ao longo do tempo com sociólogos. De facto, os agregados familiares foram amplamente “recrutados” através da ativação de redes diretas ou indiretas de interconhecimento: relações familiares, de amizade, profissionais ou interpessoais forjadas na frequência de uma mesma escola, no caso dos pais de crianças em idade escolar. Em alguns casos, uma proximidade geográfica estreita reúne inquiridos e sociólogos que vivem em locais de residência diversificados: a região de Paris, outras grandes zonas urbanas, cidades de média dimensão, zonas periurbanas ou rurais. Os entrevistados também foram solicitados por terem participado em pesquisas ou trabalhos de tese anteriores. Uma distribuição geracional foi observada: os sociólogos titulares encontraram-se geralmente com entrevistados mais antigos, estudantes e doutorandos com entrevistados mais jovens. A contextualização e a confiança específicas da etnografia não estão, portanto, ausentes do dispositivo de pesquisa, já que as monografias se

basearam, mais frequentemente, na ativação de relações de proximidade relativa e mais ou menos duradouras entre entrevistados e sociólogos. Embora demonstrem pouca boa vontade cultural, os entrevistados estão, por outro lado, equipados com a capacidade de falar sobre a sua experiência de acompanhamento terapêutico por profissionais de psicologia. O próprio cenário das entrevistas, o espaço privado, tende a favorecer a fala, uma vez que ela se encontra “relativamente protegida das relações de dominação e confronto entre classes sociais” (Gilbert, 2016) - mesmo que a entrevista com um sociólogo reative uma forma de dominação cultural e mesmo que as mulheres possam estar mais confortáveis do que os homens em questões sobre a formação quotidiana do estilo de vida⁹.

A variedade de métodos de acesso aos inquiridos produziu um *corpus* diversificado de 27 monografias¹⁰. As instruções relativas às propriedades sociais dos agregados familiares a contactar não resultaram na imposição de critérios que excluíssem estritamente uma determinada situação. Os casais compostos por uma empregada e um operário, eles próprios de origem operária, titulares de um CAP ou BEP, proprietários em zonas periurbanas ou rurais estão sobrerrepresentados, mas o *corpus* também inclui outras situações familiares (mulheres que vivem sozinhas com os seus filhos, homens solteiros, homens que vivem em casal homossexual), profissionais (reformados/as, donas de casa e desempregados/as, profissões intermédias e artesãos), culturais (sem diploma e, inversamente, posse de diploma do ensino superior) e residenciais (arrendatários de habitações sociais, na região de Paris ou em grandes zonas urbanas). De forma a objetivar, ou pelo menos controlar, as especificidades dos inquiridos que foram objeto de uma monografia, uma análise fatorial, realizada em todas as famílias com pelo menos um ativo e um trabalhador ou empregado no *Inquérito ao Emprego*, permitiu localizar estas famílias no espaço assim constituído (Figura 3.5): o corpo das famílias inquiridas está bem localizado, na sua maioria, na mediana e na fração estabilizada das classes populares.

No entanto, o *corpus* não é representativo no sentido estatístico do termo, ou seja, a sua diversidade não reflete com exatidão a das classes populares no seu conjunto, ou mesmo a das classes populares medianas estabilizadas. No entanto, reflete um vasto leque de situações em

⁹ Sobre todos estes pontos, veja-se o artigo de Gérard Mauger e Marie-Pierre Pouly (2019) que analisa a relação de pesquisa como “um caso especial de relações face-a-face entre indivíduos socialmente hierarquizados” e, portanto, como “uma situação que se presta ao estudo de trocas simbólicas entre classes sociais.”

¹⁰ Uma apresentação das características sociais de todos os agregados familiares entrevistados para a elaboração de monografias pode ser consultada *online*:

<http://journals.openedition.org/sociologie/docannexe/image/4749/img-1.jpg>.

termos de género, posição residencial, ocupações e estrutura do agregado familiar dentro das frações medianas estabilizadas das classes populares, ao mesmo tempo que fornece, secundariamente, um contraponto das famílias pobres ou ao contrário próximas das classes médias. As famílias de menor rendimento são compostas por mulheres que vivem sozinhas com os seus filhos e casais onde as mulheres estão em casa ou em empregos com baixa remuneração e a tempo parcial. As famílias com rendimentos próximos dos das classes médias referem-se a duas situações: a dos casais relativamente idosos, que têm acumulado gradualmente recursos de estabilidade (mesmo que as suas trajetórias não sejam lineares), e a dos casais relativamente jovens e mais diplomados. O *corpus* é assim suficientemente diverso para identificar certas constantes no modo de vida das classes populares médias estabilizadas, em contraste com outras frações das classes populares, mas também certos princípios de variação interna tanto em termos do processo de estabilização social como das relações de género no lar e formas de relações “eles/nós”.

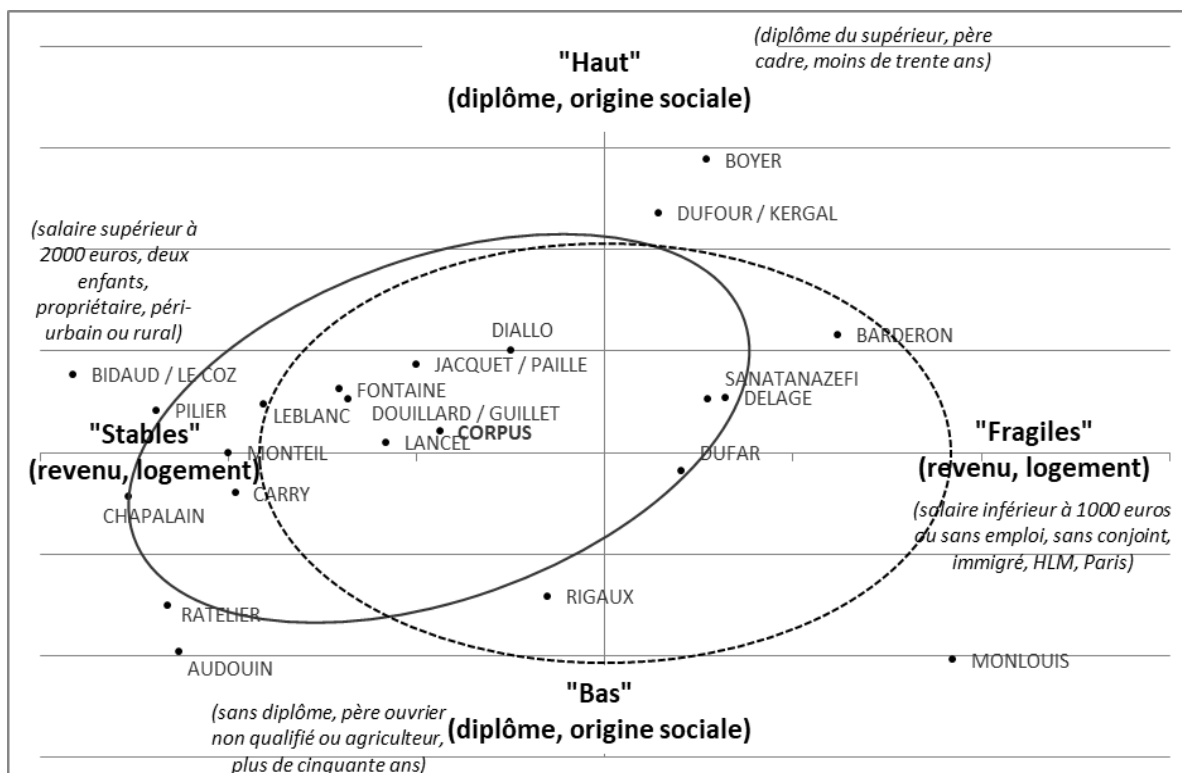


Figura 3.5. Uma cartografia fatorial dos agregados familiares no corpus

Fonte: INSEE, Inquérito ao Emprego, 2014; Corpus de monografias do projeto "O 'popular' hoje". Nota: Âmbito - agregados familiares com pelo menos uma pessoa ativa e um empregado ou trabalhador (empregado ou desempregado).

Método: primeiro plano fatorial de uma análise de correspondências múltiplas realizada em dados individuais do Inquérito ao Emprego (variáveis de sexo, idade, número de filhos, posição social do cônjuge (se aplicável), rendimento, diploma, origem social e situação residencial), onde os agregados familiares do corpus estavam posicionados (em MAIÚSCULAS) de acordo com as coordenadas médias dos seus membros;

Leitura: as duas elipses representam a dispersão de nuvens de pontos na amostra do inquérito e no corpus.

Autoria: Thomas Amossé.

No âmbito deste capítulo, não nos é possível desenvolver as análises realizadas sobre estes materiais, que são apresentadas noutras publicações¹¹. Mencionemos os pontos principais. A nossa investigação teve como objetivo estudar as frações medianas das classes trabalhadoras e a recomposição dos seus estilos de vida, partindo dos agregados familiares e não dos indivíduos. O objetivo era destacar os casais e as famílias em que ambos os cônjuges trabalham mais frequentemente e que, devido ao seu rendimento, não pertencem aos grupos mais pobres com os quais todas as classes populares são geralmente identificadas. O trabalho estatístico e monográfico permitiu dar alguma consistência a esta hipótese de um “meio”, demonstrando a variedade interna deste estrato. Um primeiro eixo de análise focado nas modalidades de acesso à estabilidade social em meio popular, com particular ênfase nos recursos de estabilização relacionados ao estar numa relação. A combinação de análises estatísticas da mobilidade social e profissional e de monografias dá acesso à complexidade do processo de estabilização social, que nunca se baseia num único fator explicativo, mas numa combinação de propriedades biográficas individuais, efeitos contextuais e padrões de relações conjugais e familiares. O segundo eixo de análise centra a atenção na divisão sexuada da organização doméstica e nas relações de género no lar. Destacou um vasto leque de situações familiares, relacionadas com o nível, decisivo, mas frágil, de participação das mulheres no mercado de trabalho. Se a igualdade na divisão do trabalho doméstico continuar a ser uma perspectiva distante para a maioria das famílias, isso não é alheio aos constrangimentos profissionais enfrentados pelos seus membros. Entre a superação e a perpetuação de funcionamentos sexuais, a resignação e as exigências de maior partilha entre os cônjuges, as monografias e os dados estatísticos sobre os empregos do tempo mostram as classes populares com um funcionamento muito diversificado na cena doméstica. O terceiro tema centra-se nas formas de relacionamento com outras classes sociais, na clivagem entre “eles” e “nós”, tanto em termos de como estas famílias representam a sua própria posição social e as suas relações com outros grupos sociais, como através de práticas concretas de sociabilidade e contactos sociais mantidos em diferentes cenas (família, vizinhança, profissionais, institucionais, etc.). Reflete a prevalência de uma “consciência social triangular” (Collovald & Schwartz, 2006; Schwartz, 2011) (enfraquecimento do “nós” coletivo da classe, rejeição da figura do “assistido”) e a intensidade variável da penetração das normas escolares e educativas, de saúde e económicas, etc..

¹¹ Estas análises resultaram em números de revistas (Amossé & Cartier, 2018; Bernard, Masclet & Schwartz, 2019; Lechien & Siblot, 2019) e num livro baseado num conjunto de retratos (a publicar em 2020).

Referências Bibliográficas

- Abdelnour, S. & Lambert, A. (2014). "L'entreprise de soi". Un nouveau mode de gestion politique des classes populaires ? Analyse croisée de l'accession à la propriété et de l'auto-emploi (1977-2012). *Genèses*, 95, 27-48.
- Alonzo, P. & Huguée, C. (2010). *Sociologie des classes populaires*. Paris : Armand Colin.
- Amossé, T. (2011). Cadres/non cadres : Une frontière toujours persistante » In P. Bouffartigue, C. Gadéa & S. Pochic (Dir.), *Cadres, classes moyennes : Vers l'éclatement ?* (pp. 32-45). Paris: Armand Colin.
- Amossé, T. (2015). Portrait statistique des classes populaires contemporaines. *Savoir/agir*, 4, 13-20.
- Amossé, T. (2019a). Diversité et dynamique des couples populaires au regard de leur milieu social familial. Une analyse statistique à partir des enquêtes *Emploi* (2011-2014) et *Formation et qualification professionnelle* (1993 et 2014/2015). *Sociologie*, 1, 10.
- Amossé, T. (2019b). Quelle classification socio-professionnelle des ménages populaires ?. *Sociétés contemporaines*, 114.
- Amossé, T. & Cartier, M. (Dir.) (2018). Ménages populaires. *Travail, genre et sociétés*, 39.
- Avril, C. (2014). *Les aides à domicile : Un autre monde populaire*. Paris : La Dispute.
- Bernard, L. (2017). *La précarité en col blanc : Une enquête sur les agents immobiliers*. Paris : Presses universitaires de France.
- Bernard, L. & Giraud, C. (2018). Avec qui les ouvrières et les employées vivent-elles en couple ?. *Travail, genre et sociétés*, 39, 41-61.
- Bernard, L., Masclet, O. & Schwartz, O. (Dir.) (2019). Les "classes populaires du milieu" : Position, condition, styles de vie. *Sociétés contemporaines*, 114.
- Bessière, C. & Gollac, S (2014). Travailleur indépendant In P-M. Chauvin, M. Grossetti & P-P. Zalio (Dir.), *Dictionnaire sociologique de l'entrepreneuriat* (pp. 537-550). Paris : Presses de Science Po.
- Bourdieu, P. (1984). Espace social et genèse des classes. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 52-53, 3-12.
- Bourdieu, P. (1979), *La Distinction : Critique sociale du jugement*, Paris, Minuit.

- Bruneau, I., Laferte, G., Mischi, J., Renahy, N. (Dir.) (2018). *Mondes ruraux et classes sociales*. Paris: EHESS.
- Cartier, M., Coutant, I., Masclet, O., Siblot, Y. (2008). *La France des «petits-moyens»: Enquête sur la banlieue pavillonnaire*. Paris: La Découverte (English: [2019]. *The France of the «Litte-Middles». A Suburban Housing Development in Greater Paris*. New York-Oxford: Berghahn Books).
- Caveng, R., Darbus, F., Denord, F., Serre, D. & Thine, S. (2018). Des morales de classe ? Dispositions éthiques et positions sociales dans la France contemporaine. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 224, 76-101.
- Cayouette-Remblière, J. (2015). De l'hétérogénéité des classes populaires (et de ce que l'on peut en faire). *Sociologie*, 6(4), 377-400.
- Collovald, A. & Schwartz, O. (2006). Haut, bas, fragile : Sociologies du populaire. *Vacarme*, 37, 50-55.
- Coquard, B. (2016). "Nos volets transparents" : Les potes, le couple et les sociabilités populaires au foyer. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 215, 90-101.
- Delay, C., Frauenfelder, A., Pigot, N. & Schultheis, F. (Dir.) (2009). *Les classes populaires aujourd'hui : Portraits de familles, cadres sociologiques*. Paris : L'Harmattan.
- Desrosières, A. & Thévenot, L. (2002). *Les catégories socioprofessionnelles*. Paris : La Découverte.
- Dubost, C-L. & Tranchant, L. (2019). Les mobilités discrètes : quand les ouvriers et les employés changent d'emploi sans changer de position sociale. *Sociétés contemporaines*, 114.
- Gilbert, P. (2016). Classes, genre et styles de vie dans l'espace domestique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 215, 4-15.
- Girard, V. (2017). *Le vote FN au village : Trajectoires de ménages populaires du périurbain*. Vulaines-sur-Seine : Éditions du Croquant.
- Hamel, C. & Siméant, J. (2006). Genre et classes populaires. *Genèses*, 64, 2-4.
- Hoggart, R. (1970 [1957]). *La culture du pauvre : Étude sur le style de vie des classes populaires en Angleterre* (traduzido por F. Garcias, J-C. Garcias & J-C. Passeron). Paris: Minuit.
- Hugrée, C., Penissat, É. & Spire, A. (2017). *Les classes sociales en Europe : Tableau des nouvelles inégalités sur le vieux continent*. Marseille: Agone.

- Lechien, M-H. & Siblot, Y. (Dir.) (2019). "Eux/nous/ils" ? Sociabilités et contacts sociaux en milieu populaire. *Sociologie*, 10.
- Mauger, G. (2006). Les transformations des classes populaires en France depuis 30 ans. In J. Lojkine, P. Cours-Salies & M. Vakaloulis (Dir.), *Nouvelles luttes de classes* (pp. 29-42) Paris: PUF.
- Mauger, G. Pouly, M-P. (2019). Enquêter en milieu populaire: Une étude des échanges symboliques entre classes sociales. *Sociologie*, 10(1), 37-54.
- Perrin-Heredia, A. (2013). Le "choix" en économie : Le cas des consommateurs pauvres. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 4(199), 46-67.
- Peugny, C. (2015). Pour une prise en compte des clivages au sein des classes populaires : La participation politique des ouvriers et des employés. *Revue française de science politique*, 65(5-6), 735-759.
- Robette, N. & Roueff, O. (2017). L'espace contemporain des goûts culturels : Homologies structurales entre domaines de pratiques et entre classes sociales. *Sociologie*, 8(4), 369-394.
- Savage, M. (Dir.) (2015). *Social class in the 21st century*. London: Pelican (Penguin Books).
- Schwartz, O. (1998). *La notion de "classes populaires" : Habilitation à diriger des recherches en sociologie*. Versailles : Université de Versailles-Saint-Quentin-en-Yvelines.
- Schwartz, O. (2011). *Peut-on parler des classes populaires ?*. Disponible en : <https://laviedesidees.fr>.
- Siblot, Y., Cartier, M., Coutant, I., Masclet, O. & Renahy, N. (2015). *Sociologie des classes populaires contemporaines*. Paris: Armand Colin.